

*Tradições discursivas – conceito, história e aquisição.* Série Leituras introdutórias em linguística – volume 4. São Paulo: Cortez, 2014. 132 p.

Célia Regina dos Santos Lopes  
Mariangela Rios de Oliveira

O livro *Tradições discursivas: conceito, aquisição e história*<sup>1</sup>, que ora apresentamos à comunidade acadêmica, tem grande relevância não só para a formação de alunos e professores de Letras e Linguística, mas interessa também à Educação, à História e a demais áreas de interface dos estudos da linguagem. A proposta do livro, em seus capítulos, contempla questões atinentes à mudança linguística e ao processo de aquisição da linguagem, vinculando práticas de fazer a práticas de dizer, abordadas do ponto de vista linguístico, histórico e educacional. Trata-se, portanto, de obra que vem preencher espaço ainda não ocupado no conjunto das produções acadêmicas brasileiras, em linguagem acessível e com base em farta e pertinente exemplificação, o que destaca também seu perfil didático. Esperamos que os leitores, com base nesse texto, possam conhecer mais um pouco acerca do instigante tema das tradições discursivas (doravante TD) e de suas interfaces com outras áreas de conhecimento.

Entendem-se as TD, em termos gerais, como formas repetidas e ritualizadas de dizer e de escrever, que adquirem significado e representação próprios; nessa convencionalização, unem-se a atualização e a tradição dos usos linguísticos. A pesquisa sobre a história do português brasileiro ganhou bastante destaque, pelo menos nas últimas duas décadas, com o Projeto Nacional *Para a História do Português Brasileiro – PHPB*. Além de agregar pesquisadores de diversas universidades brasileiras, o projeto, na figura de seu coordenador, Ataliba de Castilho, estabeleceu um acordo de cooperação com parceiros alemães no âmbito do PROBAL/CAPES/DAAD no início dos anos 2000.

Das inúmeras vantagens advindas desse convênio, a reflexão sobre a im-

---

<sup>1</sup> LONGHIN, Sanderléia Roberta. *Tradições discursivas – conceito, história e aquisição.* Série Leituras introdutórias em linguística – volume 4. São Paulo: Cortez, 2014. 132 p.

portância da constituição de *corpora* com representatividade tipológica de textos no viés das TD foi, sem dúvida, um de seus aspectos mais positivos. Como se sabe, quem envereda pelos estudos em linguística histórica, cujo objetivo é explicar a natureza da mudança linguística ocorrida no tempo, precisa estar ciente dos problemas inerentes a esse tipo de investigação, tendo em mente propostas concretas para solucioná-los. Em primeiro lugar, somente estão disponíveis ao investigador amostras de dados do passado fragmentárias que lhe chegaram às mãos por pura sorte. As fontes de análise são restos textuais, muito mais amplos na origem, que sobreviveram à ação do tempo. Além desse seu caráter, as informações sobre o contexto sócio-histórico de produção das fontes são escassas, e os materiais disponíveis, sempre escritos, não são necessariamente vinculados à produção real dos falantes da época em que foram elaborados. Em segundo lugar, pelo fato de os dados procederem do meio escrito, há fortes chances de os usos linguísticos identificados no material de análise estarem fortemente correlacionados com o tipo de texto em que foram produzidos. Os textos carregam fórmulas fixas, estruturas relativamente recorrentes, propriedades convencionais que aparecem repetidas nesses gêneros particulares sobreviventes. Diante desses dois problemas, há alguns dilemas que o pesquisador precisa resolver:

Como isolar aquilo que é próprio da “língua histórica” daquilo que é próprio do texto, como gênero discursivo? Como saber se os dados linguísticos analisados pelo investigador podem ser considerados como indícios da norma linguística de uma determinada época ou se são motivados pelas tradições do texto como formas que se repetem em determinadas situações comunicativas? Como estudar a história de uma língua particular, com base em seus textos remanescentes, diferenciando-os pelas tradições em que se inserem?

O estatuto privilegiado das TD nos estudos históricos advém sobretudo do fato de representar uma tentativa de minimizar essas dificuldades de interpretação de fenômenos tipicamente “textuais” que podem mascarar qualquer descrição diacrônica. Nessa perspectiva, entre as aplicações da noção de TD para os estudos da linguagem, está o enfrentamento de um dos maiores desafios metodológicos do linguista historicista, que é obter um *corpus* minimamente representativo.

O presente livro de Longhin não só propicia a nossos estudantes de gra-

duação e de pós-graduação o acesso aos preceitos teóricos sobre o paradigma das TD, mas também apresenta de maneira bastante pertinente resultados empíricos de pesquisas pautadas em tal perspectiva.

No primeiro capítulo, a autora mostra, com base em Kabatek (2006), que o estudo da mudança linguística deve prever a correlação entre TD e evolução da língua. As mudanças não acontecem em todas as modalidades de texto, mas certas tradições são responsáveis por condicionar o uso de meios linguísticos adequados. Considerando a análise de trechos narrativos, Longhin mostra que distintas escolhas linguísticas estão relacionadas com as finalidades comunicativas e com as condições de produção dos textos.

Baseando-se na análise multidimensional de Douglas Biber (1988), revisitada por Kabatek (2006), a autora testa minuciosamente a proposta metodológica que prevê o mapeamento dos esquemas de junção como eixo de caracterização e distinção das TD. A hipótese de Kabatek (2006, p. 519) era a de que *os esquemas de junção de um texto – juntores que contêm e frequência relativa – são sintomas para determinar a tradição discursiva a que pertence*. Assim, se um texto, conforme a tradição em que se inscreve, contém elementos necessários para cumprir uma finalidade comunicativa, e se o que caracteriza uma TD é uma organização particular de certos elementos linguísticos, então os esquemas de junção são fundamentais para a caracterização de uma TD. Correlacionando a análise qualitativa com a quantitativa, a proposta ilustrada por Longhin não só leva em conta os tipos de juntores encontrados, mas também a frequência de seu emprego.

Não satisfeita em propiciar ao leitor brasileiro o contato com referências teóricas e metodológicas fundamentais para os estudos da linguagem, a autora nos abrilhanta com uma nova abordagem da TD associada à aquisição da linguagem. A pesquisa desenvolvida, em nível de pós-doutoramento, na Universidade de Tübingen, sob a supervisão de Johannes Kabatek, da qual se origina *Tradições discursivas – conceito, história e aquisição*, parte de uma amostra longitudinal de textos de escrita infantil. O seu propósito é refletir acerca da aquisição de escrita no viés dos preceitos das TD, discutindo a intrincada relação entre enunciados falados e escritos. Longhin constata que, nesses textos, as possibilidades variáveis de realização dos juntores quanto à arquitetura sintática e relações semânticas, em termos quantitativos e qualitativos, constituem um fenômeno privilegiado, embora não o único, para a

apreensão das TD. A autora reúne evidências de que as escolhas das crianças sobre como juntar, no eixo sintagmático, e escolhas no conjunto dos juntores, no eixo paradigmático, são sempre perpassadas por alguma percepção do que é fixo e do que é lacunar nas TD. Sua análise mostra o caráter processual da aquisição da competência textual, que se revela tanto na transposição que a criança faz de recursos de uma modalidade de enunciação que ela domina (as tradições de textos orais) para uma modalidade em aquisição (a escrita), como na opção pelos esquemas de junção utilizados. Embora a criança faça uma razoável diferenciação semântica nos textos produzidos, os recursos sintáticos empregados são mínimos. As formas de junção usadas pelas crianças em fase de inserção nas práticas formais de letramento representam marcas da experiência que elas tiveram com a linguagem e com as tradições da oralidade mais ou menos influenciadas pelo letramento. O recurso sintático utilizado, por excelência, é a parataxe, forma de composição fundada num dialogismo típico da fala. Numa ordem própria, favorecida pela memorização, a ordem da história estará presente na ordem do texto.

## Referências

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do português brasileiro*, vol.VI, tomo II. EDUFBA: Salvador, 2006. p. 505-527.

Recebido em: 02/08/2014

Aprovado em: 18/11/2014